

Museu das missões: entre a memória e a história

pg 58-68

Caroline M. Schneiders¹

Bruna Luíza Mallmann²

Resumo

Nosso interesse no presente estudo é refletir sobre os efeitos de sentido produzidos no e pelo Museu das Missões, um importante museu localizado no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). O desenvolvimento desse estudo está embasado nos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso de viés pecheuxiano. Tendo em vista esse pressuposto, compreendemos a historicidade e a memória que afeta e é constitutiva do Museu das Missões a partir da análise de alguns dos artefatos históricos que compõe o arquivo que é guardado nesse Museu. O arquivo, para nós, vincula-se a uma memória institucionalizada, a qual cristaliza determinados sentidos. No entanto, interessa-nos destacar os sentidos outros produzidos pelos discursos do/no Museu, ou seja, os efeitos da memória discursiva na sua relação constitutiva com a história. Dessa forma, podemos dizer que os discursos em análise ressoam uma determinada historicidade, bem como relações ideológicas e de poder.

Palavras-chave: Historicidade. Discurso. Arquivo.

MUSEU DAS MISSÕES: BETWEEN MEMORY AND HISTORY

Abstract

Our interest in this study is to reflect on the effects of meaning produced in and by *Museu das Missões*, an important museum located in the Archaeological Site of São Miguel Arcanjo, in São Miguel das Missões, RS, Brazil. The development of this reflection is based on the theoretical-methodological assumptions of the History of Linguistic Ideas in articulation with Pêcheux's Discourse Analysis. Therefore, we understand the historicity and the memory that affect and constitute *Museu das Missões* from the analysis of some of the historical artifacts that compose the archive stored in that Museum. Archive, for us, is linked to an institutionalized memory, which crystallizes certain meanings. However, we are interested in highlighting the other meanings produced by the discourses of/in the Museum, i.e., the effects of the discursive memory on its constitutive relation to history. Thus, we can say that the discourses under analysis resonate a certain historicity, as well as ideological and power relationships.

Keywords: Historicity. Discourse. Archive.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Cerro Largo*/RS.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus Cerro Largo*. Bolsista PIBIC/CNPq (Edital Nº 398/UFS/2017).

Considerações iniciais

Nosso interesse no presente estudo³ é analisar os efeitos de sentidos produzidos no e pelo Museu das Missões, um importante museu localizado no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS). Sua criação oficial ocorreu através do Decreto-lei nº 2.077, de 8 de março de 1940. Ao fundá-lo, Getúlio Vargas, então presidente do Brasil, declarou que o novo museu teria a função de “reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do país” (BOTELHO; VIVIAN; BRUXEL, 2015, p. 50).

O Museu das Missões surge como um dispositivo do governo brasileiro para guardar e preservar expressões culturais de arte sacra do período compreendido entre os séculos XVII e XVIII. Projetado pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa, o museu abriga esculturas missioneiras e fragmentos arquitetônicos das antigas reduções que se encontravam espalhadas pela região⁴. Assim, sua criação partiu da ideia de que

O Museu tem como missão pesquisar, documentar e divulgar a experiência histórica missioneira, através de um pensamento crítico, sobre as relações entre patrimônio cultural, arte, história e memória; e estimular na população local a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da região missioneira do Rio Grande do Sul. (BOTELHO; VIVIAN; BRUXEL, 2015, p. 43-44).

Tendo isso em vista, em nossa pesquisa, tomamos o Museu das Missões como objeto de estudo a fim de lançar gestos de interpretação sobre o arquivo que ali está guardado, preservando determinada história e memória da/sobre as Missões. Conforme nossa perspectiva discursiva,

³ Estudo vinculado ao projeto de pesquisa: “A língua e os instrumentos linguísticos na região das missões do RS”.

⁴ Tais informações foram retiradas do site: <<http://museudasmissoes.blogspot.com.br/p/contatos.html>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

entendemos que os sentidos (re)produzidos pelo e no museu são operadores da memória social e coletiva, uma fala cristalizada que faz parte do imaginário da população local, em que se circula um determinado significado. Assim, consideramos que a memória de arquivo do museu vincula-se a uma memória oficial, a que chamamos de memória institucionalizada (ORLANDI, 2014).

Além disso, partimos do pressuposto de que o Museu pode ser compreendido enquanto um instrumento linguístico. Tal concepção é retomada de Aurox (1992), o qual considera, como instrumentos linguísticos, os dicionários e as gramáticas, entendidos dessa forma pelo fato de representarem a segunda revolução tecno-linguística, contribuindo para a instrumentalização/gramatização das línguas. A primeira revolução tecno-linguística, segundo o autor, diz respeito à invenção da escrita. No entanto, estudos desenvolvidos a partir da perspectiva em que nos situamos ampliam a noção de instrumento linguístico, propondo o museu também como um espaço que normatiza e historiciza certos saberes sobre a língua.

Assim, para nós, o Museu, como uma gramática ou dicionário, visa a descrever ou normatizar uma determinada língua, ou ainda memória e história, “em prol de processos de construção de identidades e territórios nacionais ou de rememoração e ressignificação dessas identidades” (CERVO, 2015, p. 367). Contudo, o que queremos colocar em evidência não é a memória de arquivo, aquela que é guardada pelo e no museu. Interessa-nos destacar os sentidos outros produzidos pelos discursos do/no Museu, ou seja, os efeitos da memória discursiva na sua relação constitutiva com a história.

O nosso interesse recai, desse modo, nos efeitos produzidos pela memória discursiva, a qual aponta, como destaca Orlandi (2014), que o sentido sempre pode ser outro, a memória discursiva é

marcada pelo esquecimento e está sempre em articulação com o funcionamento do ideológico e do político. Ou seja, é “quando esquecemos como um sentido se constituiu em nós que ele passa a produzir seus efeitos” (ORLANDI, 2014, p. 6).

Diante disso, para o desenvolvimento de nossos gestos de interpretação, partimos do arquivo do Museu das Missões, o qual é composto, em sua maioria, por artefatos históricos, ou seja, por representações artísticas e não por documentos escritos. Tais artefatos históricos referem-se a esculturas de santos, anjos e mártires em madeira policromada feitas pelos indígenas durante as missões jesuíticas. Essas esculturas, de estilo barroco, foram importantes instrumentos de catequização, diga-se, de dominação, para os jesuítas, contribuindo para impor novas crenças e hábitos a populações indígenas que já possuíam cultura e língua própria. A partir desse arquivo, procuramos analisar algumas dessas esculturas, as quais serão tratadas como imagens, que compõem o arquivo do referido Museu.

Dessa forma, tomamos a imagem como nosso *corpus* de análise, uma vez que a imagem é discurso, pois produz um efeito de memória, faz ressoar determinada historicidade e produz um recorte do real que se manifesta conforme o funcionamento ideológico e político ao qual está inserida. A imagem, é, para nós, “além de um operador de memória social no seio da nossa cultura” (DAVALLON, 1999, p. 31), um objeto linguístico e histórico, visto que convida o espectador concreto a “ [...] dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um acordo – de olhares [...] de acordo” (DAVALLON, 1999, p. 31).

Em nossos estudos, é importante destacar que o nosso olhar sobre a noção de arquivo não é o mesmo do arquivista. Consideramos o arquivo, conforme Pêcheux (1994 [1982], p. 57), como o “campo de documentos pertinentes e disponíveis

sobre uma questão”, os quais são constituídos por materialidade que produz efeitos de sentidos. Nesse sentido, trabalhamos tanto com uma memória institucionalizada, que é guardada no Museu das Missões, como também com uma memória que ressoa a partir da historicidade que afeta a materialidade discursiva das imagens analisadas.

Para o desenvolvimento desse estudo, filiamos-nos aos pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas em articulação com a Análise de Discurso de viés pecheuxtiano. Diante desse aparato teórico e metodológico, interessamos explicitar a relação constitutiva do discurso com a história e a memória, nas relações de poder estabelecidas pela ideologia dominante da época, bem como o processo de resistência dos indígenas, materializado nas imagens analisadas. Além disso, podemos compreender como a língua em sua historicidade constitutiva foi um instrumento essencial no processo de produção das imagens guardadas no Museu das Missões. Com essa leitura, buscamos compreender a historicidade e a memória que afeta e é constitutiva do Museu das Missões.

Museu, arquivo e memória

Ao refletirmos sobre o Museu das Missões, torna-se necessário considerar alguns conceitos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, os quais nos permitirão compreender o nosso objeto de estudo enquanto um objeto linguístico, histórico e ideológico. Para iniciarmos nossas considerações, retomamos a seguinte definição de Museu:

Os museus são uma instituição social complexa que ocupa um lugar fundamental no circuito cultural e nas políticas culturais contemporâneas. Numa época em que sociedade e cultura estão mais próximas que nunca, os museus têm desempenhado um papel importante na mediação destas relações. Estes criam novos sentidos para as coisas e (re)definem a realidade, razão pela qual são considerados práticas de significação. (MARQUES, J. 2014 apud ORLANDI, 2014, p. 1).

O museu enquanto prática de significação, de saber institucionalizado dos já-ditos, em confluência com a memória discursiva, assume um papel diferenciado na produção de sentidos. Para Orlandi (2003, p. 14), “todo dizer se produz sobre um já-dito. Todo dizer é um gesto de interpretação, posição face a memória”. Assim, a memória de arquivo, portanto, vai priorizar determinados discursos e sentidos, conservados pela memória coletiva e social. A concepção de arquivo, segundo CerVO,

é resultado de um trabalho de leitura, reunião e ordenamento de documentos de diversas ordens (públicas ou privadas), práticas essas que funcionam sempre em relação ao silenciamento do que não foi escolhido, ao gesto de interpretação que dá contorno à organização dos elementos e à construção da narrativa. Também, ao efeito de completude que se constitui nesta organização, haja vista que o arquivo cria a ilusão de que os elementos necessários para a ‘reconstituição’ de uma memória estariam ali presentes e reunidos em sua força simbólica (CERVO, 2015, p. 366).

Nesse sentido, o arquivo do museu é marcado pelos já-ditos que visam a cristalizar uma memória, institucionalizando-a, produzindo um efeito de testemunho, prova simbólico-material que metaforicamente também produz a ilusão de guardar (CERVO, 2012). Porém, essa memória institucionalizada não nos remete ao real ou ao verdadeiro, ela “desconsidera sua determinação histórica e ideológica”, ou seja, os efeitos de sentido, “e a *discursividade* como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história, que constitui o nó central do trabalho de arquivo” (PÊCHEUX, 1994 [1982], p. 63, grifos do autor).

Como destaca Schneiders,

O arquivo do ponto de vista discursivo configura-se, portanto, como um objeto linguístico e histórico, situado entre a materialidade da história e da língua, como referenda Pêcheux (1994 [1982]). É por meio da relação entre a língua e a história que se constituem os gestos de interpretação, os quais partem da base linguística para observar como a língua inscreve-se na história, produzindo sentidos. (SCHNEIDERS, 2014, p. 105-106).

Tanto a memória institucionalizada como a memória discursiva que podemos compreender a partir dos discursos do e no Museu são decorrentes do fato de que todo museu é constituído por um arquivo que “está sempre em construção, sendo o mesmo para todos e, ao mesmo tempo, singular para cada um” (CERVO, 2012, p. 137).

A memória de arquivo é, para Orlandi (2003), da ordem do institucional, ou seja, uma memória institucionalizada, que acumula e visa a estabilizar sentidos. Esta memória produz a estabilização de sentidos, busca não ser esquecida, ou seja, é a memória que se institucionaliza e é arquivada (ORLANDI, 2014), contrapondo-se à memória vinculada ao interdiscurso. Por meio do interdiscurso, compreendemos como

se explicita o processo de constituição do discurso: a memória, o domínio do saber, os outros dizeres já ditos ou possíveis que garantem a formulação (presentificação) do dizer, sua sustentação. Garantia de legibilidade e de interpretação: para que nossas palavras façam um sentido é preciso que (já) signifiquem. Essa impessoalidade do sentido, sua impressão referencial, resulta do efeito de exterioridade: o sentido lá. A objetividade material contraditória. (ORLANDI, 2004, p. 39).

Desse modo, o interdiscurso nos permite outros gestos de interpretação sobre o arquivo do Museu das Missões. A memória que se pretende fixar pode apresentar sentidos outros, já que ela se constitui na relação da língua com a história, devido ao caráter opaco da língua e da relação com a história (SCHNEIDERS, 2014). Nesse sentido, o interdiscurso e o arquivo estão relacionados. Enquanto o interdiscurso estrutura-se pelo esquecimento, o arquivo é o que não se esquece, “a memória tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos” (ORLANDI, 2003, p. 15).

Assim, como objeto de análise, buscamos o arquivo disponível no Museu da Missões, em especial as esculturas feitas nas reduções jesuítas e nos propomos lançar gestos de leitura sobre o

arquivo do Museu das Missões, já que, em sua maioria, esse se constitui por artefatos históricos, ou seja, por representações artísticas e não por documentos escritos, contribuindo para pensarmos o processo de historicidade e memória que afetam e são constitutivos da materialidade discursiva das imagens guardadas e preservadas nesse museu.

Tendo em vista essa especificidade do arquivo do Museu das Missões, consideramos que o “o arquivo cria a ilusão de que os elementos necessários para a “reconstituição” de uma memória estariam ali presentes e reunidos em sua força simbólica. Isso é da ordem do político e é também uma injunção ideológica” (CERVO, 2015, p. 366). No caso do Museu das Missões, cuja função é reunir e conservar esculturas sacras relacionadas aos Sete Povos das Missões, é interessante destacar que o arquivo do Museu é composto por imagens que por si só produzem sentidos, essas representações artísticas funcionam como operadores de memória social e coletiva e fazem parte do imaginário que circula pela região de São Miguel das Missões.

Vinculando nossa reflexão ao que destaca Catroga (2010) em seu estudo sobre “O culto dos Mortos”, entendemos que a memória social que circula na região de São Miguel das Missões e que é estabilizada pelas representações artísticas que constituem o arquivo do Museu das Missões, produz uma memória que,

reavivada pelo rito, tem uma função pragmática e normativa substanciada no intento de, em nome de um património (espiritual e material) comum, integrar os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação aos outros, mas exigindo-lhes, em nome da perenidade do grupo, deveres e fidelidades endógenas. O seu efeito tende a saldar-se numa mensagem, a qual, ao unificar recordações pessoais ou memórias colectivas, constrói e conserva uma unidade que domestica a fluidez do tempo num presente que dura. (CATROGA, 2010 p. 173).

Nesse sentido, entendemos que a visita ao museu constitui-se como um rito para

reativar determinada memória e sentidos, assim como destaca Catroga, considerando que “a ‘visita ao cemitério’, tal como os demais ritos comemorativos, será sempre comemoração de comemoração” (CATROGA, 2010, p. 173). Ou seja, “se a memória gera identidades, criando uma espécie de “eu colectivo”, este assenta numa selecção do passado, processo psicológico que é sempre acompanhado pelo recalçamento do que, consciente ou inconscientemente, se deseja esquecer” (CATROGA, 2010, p. 173).

A partir do exposto, partimos do fato de que o museu pode ser pensado como um lugar de memória, mais especificamente de memória de arquivo (memória institucionalizada), interessando-nos, portanto, destacar os sentidos outros produzidos pelos discursos do/no Museu, ou seja, os efeitos da memória discursiva na sua relação constitutiva com a história. Assim, tão importante quanto entender o contexto no qual as imagens foram criadas, é compreender sua memória discursiva que opera com a (re) construção de significados e representações no espaço do museu. Dessa forma, podemos dizer que os discursos em análise são determinados por uma historicidade, bem como por relações ideológicas e de poder.

Da materialidade discursiva das imagens

A fim de tecermos algumas considerações analíticas, mobilizamos algumas imagens que constituem o arquivo do Museu das Missões. Por meio dessas imagens, podemos explicitar como uma forma material, tomada em sua especificidade, que é linguística e histórica, produz sentidos (ORLANDI, 2005).

Considerando o contexto sócio-histórico e ideológico que determinam as condições de produção do arquivo do Museu das Missões,

podemos dizer que, entre os vários recursos de conversão usados pelos jesuítas dentro das Reduções para catequisar os indígenas e conduzi-los a essa nova ordem social, as imagens vão se revelar de grande persuasão, pois elas eram vistas dentro das reduções como objetos de adoração, numa relação de devoção com uma divindade. Como afirma Thielke,

As produções escultóricas realizadas nas oficinas das Reduções, não eram em sua época - tal como a cestaria - considerados produtos artísticos, assim como a noção de artista que não fazia parte nem do universo reducional, nem do universo nativo. As relações que se estabeleciam entre os sujeitos e as esculturas não eram da ordem do espectador/obra de arte, mas sim relações de devoto/divindade. (THIELKE, 2014, p. 57).

Vale destacar que as imagens produzidas nessa época caracterizam-se por traços barrocos. Ou seja, a imagem barroca vai operar junto ao imaginário dentro das Reduções, pois ela aparece como um meio de dar significação para a vida dos indígenas, sendo assim, a representação de uma realidade. Nesse sentido, como destaca Davallon (1999), elas atuam como um operador de memória social e coletiva dentro de um determinado grupo, causando um efeito do simbólico.

Ainda sobre a produção escultórica que caracterizaram as reduções, esta

[...] não teve outro objetivo senão o de estabelecer um canal de comunicação entre padres e indígenas pela via da percepção sensorial. As oficinas se constituíam como espaços de produção de imagens que operavam não no campo artístico, mas naquele que concerne à realidade enquanto produto das representações pelas quais o mundo nativo ganha sentido. (THIELKE, 2014, p. 58).

Entre os vários mecanismos de conversão católica, as esculturas aparecem como um dos mais influentes, uma vez que a imagem causa impressões sobre o espectador. Entendemos que a imagem cria uma certa comunidade de acordo dentro de determinado grupo social, aproximando a

concepção que o grupo faz, referente ao significado do que se tem diante dos olhos. Segundo Davallon (1999), a imagem é uma representação cultural que produz significação para quem a observa, atua como operador de memória social e coletiva.

Assim, as imagens produzidas no contexto das reduções de São Miguel das Missões/RS contribuem para organizar os sentidos em torno de determinada memória e grupo social, constituindo-se como monumentos, pois “tudo aquilo que pode evocar o passado e perpetuar a recordação — incluindo os próprios actos escritos — é um monumento” (CATROGA, 2010, p. 170). Seguindo nessa reflexão, Catroga (2009), considera que “se todo o monumento é *traço* do passado, consciente ou involuntariamente deixado, a sua leitura só será *re-suscitadora* de memórias se não se limitar à perspectiva gnosiológica e “fria” (típica da leitura patrimonial, museológica e historiográfica) e se for afagada na partilha com outros” (p. 22).

Consideramos, assim, que as imagens guardadas no Museu das Missões vinculam-se tanto a uma memória interna quanto a uma memória externa, determinando a relação espectador/obra de arte. Como atesta Davallon,

A imagem interfere concretamente no estabelecimento de uma forma de memória societal própria à nossa época e à nossa sociedade: e sobretudo, qual é a relação que se instaura entre o que poderíamos chamar “a memória interna” (aquela situada nos membros do grupo) e a memória externa (aquela dos objetos culturais) (DAVALLON, 1999, p. 32).

Tendo isso em vista e o nosso objeto de estudo que é o Museu das Missões, o mesmo é composto, portanto, por um arquivo que visa a manter uma memória institucionalizada. No entanto, ao mesmo tempo em que há uma história e memória evidenciadas e postas em circulação, há outras que estão apagadas e/ou silenciadas devido ao efeito do ideológico e do político.

O arquivo do Museu das Missões, como já mencionado, é composto por esculturas sacras em madeira policromada. Entendemos que as representações de santos, mártires e anjos que foram produzidas pelos indígenas na época das reduções não se constituem como algo neutro, visto que tais representações vinculam-se à religião católica. Ou seja, compreendemos, pelas imagens, o funcionamento da ideologia dominante da época, a qual interpela os indivíduos, no caso os indígenas, determinando o que podia e devia ou não ser representado pelas imagens.

Vale destacar que os indígenas que viviam dentro das reduções jesuíticas foram “atropelados” pelos mecanismos de conversão católica. Tal funcionamento aponta, como destaca Althusser (1980, p. 22), para o fato de a igreja constituir-se como um Aparelho Ideológico de Estado (AIE), pois “ensinam ‘saberes práticos’ mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante”. Dessa maneira, muitos indígenas foram habilmente conduzidos a se integrarem à um funcionamento social, cultural, religioso e linguístico muito distinto do qual eles conheciam até então. Esse novo contexto causou grande impacto sobre o estilo de vida desses povos, sendo que muitos deles não se sujeitaram às imposições dos europeus e se rebelavam constantemente.

Os indígenas que aceitaram a interferência religiosa em seus povoados, aos poucos foram perdendo algumas de suas características culturais e incorporaram os dogmas católicos, inclusive passando a viver com suas famílias dentro das reduções. Produziu-se, portanto, o que podemos chamar de silenciamento cultural, efeito da ideologia religiosa dominante da época. Contudo, segundo nossa posição discursiva, o silêncio significa, isto é, o silenciamento produzido pelos jesuítas sobre os indígenas também produziu resistência, a qual é materializada nas imagens produzidas.

Assim, podemos considerar que as reduções jesuíticas são um exemplo de como a Igreja, enquanto um AIE, pode atuar de maneira opressora, com vistas a manter a ideologia dominante. Ou seja, conforme Althusser,

[...] devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de selecção, etc., não só os seus oficiantes, mas as suas ovelhas. Assim a Família...Assim o Aparelho IE cultural (a censura, para só mencionar esta), etc. (ALTHUSSER, 1980, p. 47).

A fim de exemplificar essas questões expostas, destacamos, na sequência, algumas imagens que compõe o acervo do Museu das Missões:



Figura 1: Nossa Senhora da Conceição. Escultura Missioneira em madeira policromada. Século XVII-XVIII (Acervo fotográfico pessoal).



Figura 2: São José. Escultura Missioneira em madeira policromada. Século XVII-XVIII (Acervo fotográfico pessoal).



Figura 3: Padre Jesuíta Estanislau Kotska. Escultura Missioneira em madeira policromada. Século XVII-XVIII (Acervo fotográfico pessoal).

Considerando as imagens acima, todas imagens sacras, de santos, mártires e anjos, observamos que são representações culturais que podem ser analisadas em decorrência das condições de produção as quais foram expostas, sendo, assim, produto dos discursos políticos e

ideológicos que circulavam na época em que foram talhadas. Ou seja, a presença de uma ideologia dominante dentro das reduções afetou diretamente na constituição dessas imagens hoje guardadas no Museu das Missões.

A ideologia, segundo nossa perspectiva discursiva, interpela o indivíduo em sujeito, fazendo com que este se inscreva em determinada formação discursiva (FD). A FD determina o que pode ou não ser dito em determinadas condições, isto é, são as FDs que regulam os discursos a partir da identificação do sujeito com seus saberes. No entanto, a identificação do sujeito com os saberes de determinada FD não necessariamente ocorre de forma plena, uma vez que a ideologia, enquanto ritual, é suscetível a falhas (PÊCHEUX, 2009 [1975]). Diante disso, em toda determinação ideológica pode haver a resistência, a oposição, o questionamento sobre os saberes da FD que é imposto ao sujeito, instaurando a contraidentificação do sujeito com o saber da FD em que se inscreve (PÊCHEUX, 2009 [1975]; INDURSKY, 2002).

Nesse sentido, compreendemos que esse funcionamento “faz emergir a resistência no interior do discurso, todavia o sujeito não rompe com a estrutura que lhe foi imposta, o que se verifica são contradiscursos, os quais, porém, estão mantidos na mesma estrutura ideológica” (SCHNEIDERS, 2014, p. 49). Segundo Beck (2010, p. 53), na contraidentificação, há “uma falha no funcionamento da ideologia dominante: as evidências questionadas pelos maus sujeitos aludem a algo de real no cerne mesmo da representação imaginária das relações/lutas de nossa formação social”.

Tendo isso em vista e considerando nosso objeto de estudo, podemos dizer que o processo de identificação dos sujeitos indígenas frente à ideologia dominante dos jesuítas não ocorreu sem que esses indígenas também deixassem suas marcas nas imagens, houve uma contraidentificação com a ideologia dominante, porém ela não desencadeou

na ruptura com o sistema dominante da época. Logo, considerando o contexto das reduções jesuíticas, os indígenas não foram passivos a esse processo de catequização imposto pelos Jesuítas, deixando traços de sua identidade⁵ nas imagens que foram produzidas, por mais que estas sejam, predominantemente, imagens que representam a religião católica.

Para Thielke, isso é visivelmente percebido,

Muitos elementos nativos foram acrescentados aos moldes europeus a partir da intervenção indígena nas oficinas. Essas intervenções podem ser percebidas facilmente tanto nas esculturas em madeira como em cantaria, onde aparecem referentes naturais do ambiente indígena, como a folha de alcachofra, as flores campestres e os frutos como o apepu e o milho. (THIELKE, 2014, p. 57).

Desse modo, entendemos que o arquivo do museu também implica em uma série de disputas de poder em relação ao imaginário social e ao discurso que é posto em circulação sobre o Museu das Missões. Nesse sentido, torna-se interessante explicitar o efeito ideológico que afeta as imagens do Museu das Missões, uma vez que, “enquanto prática significativa, a ideologia se constitui na relação do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2015, p. 46).

Assim, o Museu das Missões é composto por um arquivo que visa a manter uma memória institucionalizada. No entanto, todo discurso possui uma memória discursiva e essa memória aponta para os dizeres outros, para o fato de que “algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (ORLANDI, 2015, p. 29). Ou seja, todo discurso e/ou sentidos que se cristalizam pela memória de arquivo são afetados/constituídos por um dizer outro que está silenciado/esquecido.

Essa questão vincula-se ao fato de o arquivo ser constituído por um efeito de fechamento, por aquilo que deve ou não ser dito, e a memória que ele veicula

[...] tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos. O dizer nessa relação é datado. Reduz-se ao contexto, à situação de época, ao pragmático. Enquanto interdiscurso, porém, a memória é historicidade, e a relação com a exterioridade alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento (ORLANDI, 2003, p. 15).

Esse funcionamento entre o que está no nível do cristalizado/instituído e no nível do esquecimento nos é fundamental para compreendermos a historicidade e os efeitos de sentidos que são produzidos no e pelo Museu das Missões. Como bem destaca Catroga (2010), “a memória e o esquecimento são, portanto, irmãos siameses filhos da fugacidade do tempo, pelo que, para se conhecer uma vida ou uma sociedade, será tão importante recordar como não se esquecer do esquecido” (p. 179).

Ao analisarmos as imagens do Museu das Missões, consideramos que se tratam de discursos. O discurso, para a AD, é definido como mais do que transmissão de informações (mensagem), é efeito de sentidos entre locutores. E não podemos deixar de relacioná-lo com suas condições de produção, sua exterioridade. Em nosso estudo, entendemos que existe uma relação estreita entre as condições de produção desses artefatos históricos com a exterioridade.

Essa questão é imprescindível em nosso estudo, uma vez que as imagens do Museu das Missões, ou seja, seu arquivo não está descontextualizado de seu contexto de produção. Tal aspecto é interessante de observar, uma vez que, geralmente, o museu é um “território em que os objectos expostos aparecem descontextualizados, ou melhor, surgem inseridos num conjunto artificial, “neutro” e erudito” (CATROGA, 2010, p. 172).

⁵ Os aspectos das imagens que apontam para a resistência dos indígenas frente à ideologia dominante são objeto de estudo da segunda etapa do referido projeto a que este estudo se insere.

Assim, tanto as condições de produção como o contexto onde o Museu e suas imagens estão inseridas contribuem para o processo de significação dessas esculturas (ORLANDI, 2015). O discurso é, portanto, determinado pelas condições de produção, as quais nos permitem observar a historicidade constitutiva dessas imagens.

A noção de historicidade pode ser explicitada quando a história afeta e inscreve-se no fio do discurso produzindo efeitos de sentido. Segundo Orlandi (2004), quando tratamos dessa relação entre história e historicidade, precisamos levar em conta que há uma “ligação entre a história lá fora e a historicidade do texto (a trama de sentidos nele), mas ela não é nem direta, nem automática, nem causa e efeito, e nem se dá termo-a-termo” (p. 55).

Portanto, o fato de que o museu pode ser pensado como um espaço de memória de arquivo (memória institucionalizada) e também de memória discursiva, permite-nos identificar que os discursos em análise ressoam uma determinada historicidade, bem como relações ideológicas e de poder. Tão importante quanto entender o contexto no qual as imagens foram criadas, é compreender sua memória discursiva que opera com a (re) construção de significados e representações no espaço do museu.

A partir do que estamos desenvolvendo, entendemos que o museu visa a preservar uma memória social e coletiva, cristalizando sentidos. Porém, mesmo que haja uma memória e história cristalizada no e sobre o referido museu, não consideramos que a “memória seja espelho ou transparência da realidade-passado (passeidade): ela é mais uma leitura actual do passado do que a sua reconstituição fiel” (CATROGA, 2010, p. 167). Desse modo, nossas reflexões recaem justamente no modo como podemos produzir sentidos sobre essa discursividade guardada no Museu das Missões, buscando desconstruir evidências e questionar o funcionamento do processo discursivo das imagens que ali estão guardadas.

Considerações finais

As imagens do Museu das Missões podem ser vistas como um produto dos discursos políticos e ideológicos que vigoravam na época em que foram construídas. O museu é, portanto, um ‘lugar de memória’, que sugere, como bem destaca Catroga retomando Peirre Nora, a “paragem do tempo” (2010, p. 171). O museu é, pois, um espaço para amparar determinados discursos, ou, no caso, representações artísticas, a fim de preservar uma determinada memória, história e sentidos.

Diante dessas questões e, a partir do Museu das Missões, o qual possui como arquivo um patrimônio material, podemos refletir como esse patrimônio produz sentidos sobre algo que, para nós, está no nível do imaterial, que é a língua. E isto significa uma possibilidade outra de versão de memórias e histórias a serem contadas sobre nós mesmos, portanto, um modo de interpretarmos a nossa própria significação sócio-histórica na/da/pela língua (CERVO, 2012). Ou seja, embora o arquivo disponível no Museu da Missões seja composto, em especial, por esculturas feitas nas reduções jesuíticas, entendemos que estes artefatos históricos, além de ser representações artísticas são expressões linguísticas, contribuindo para refletirmos sobre o a historicidade e a memória que afetam e são constitutivas da materialidade discursiva das imagens guardadas e preservadas nesse Museu.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.

- BECK, M. *Aurora Mexicana: Processos de resistência-revolta-revolução em lutas populares da América Latina: O exemplo do discurso Zapatista*. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.
- BOTELHO, A. A.; VIVIAN, D.; BRUXEL, L. *Museu das Missões*. Brasília, DF: Ibram, 2015. p. 80.
- CATROGA, F. O culto dos mortos como uma poética da ausência. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010.
- _____. *Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da história*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- CERVO, L. M. A língua, o museu e os espelhos. *Revista Rua*. Campinas, N. 21, vol. 2, p. 363-380, nov. 2015.
- _____. *Língua, patrimônio nosso*. 198f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Santa Maria, RS, 2012.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999. p. 23-37.
- INDURSKY, F. *Do desdobramento à fragmentação do sujeito em Análise do Discurso*. CD-ROM. Síntese 2, Porto Alegre, ANPOLL/UFGRS, 2002.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORLANDI, E. P. Discursos e Museus: da memória e do esquecimento. *Entremeios*. Pouso Alegre/MG, vol. 9, p. 1-8, jul., 2014.
- ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2 ed. Campinas, Editora Pontes, 2005.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 4. ed. Campinas, Editora Pontes, 2004.
- ORLANDI, E. P. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: _____ (org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 7-20.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. brasileira. Trad. Eni Orlandi et al., SP: Campinas, Editora da Unicamp, 2009 [1975].
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje [1982]. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 3. ed. SP: Campinas, Editora da Unica, 1994. p. 55-66.
- SCHNEIDERS, C. M. *Serafim da Silva Neto: entre a constituição e a circulação do conhecimento linguístico*. 218f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, RS, 2014.
- THIELKE, N. *O Percurso das imagens: a estatuária missionária no Museu Júlio de Castilhos e no Museu das Missões (1903 – 1940)*. 217 f. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR – RS, 2014.

Recebido em 20 de dezembro de 2017

Aceito em 10 de janeiro de 2018.